VIOLÊNCIAS SIMBÓLICAS E FERIDAS EMOCIONAIS: OS RELATOS DAS MULHERES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA QUE ESTÃO SOB MEDIDA PROTETIVA EM UM ABRIGO DE MANAUS

Célia Maria Nascimento de Oliveira[1]
Yoshiko Sassaki[2]

Resumo
A violência doméstica é um fenômeno presente nas convivências intrafamiliares causando danos às mulheres nessas relações conflituosas dos casais. Desse modo o presente trabalho objetiva analisar os depoimentos das mulheres que sofreram violência intrafamiliar por seus companheiros, situação que as levou a estarem em um abrigo sob medida protetiva. As categorias descritas violência doméstica violência simbólica, feridas emocionais e casa abrigo se fazem necessário para contextualizar a situação da violência que as mulheres passam em seu dia a dia, sobretudo a violência simbólica, sua submissão perante seu agressor e companheiro causam lhes feridas emocionais profundas deixando cicatrizes que podem durar para sempre na vida dessas mulheres, em especial se as mesmas têm filhos menores com seu agressor. A casa abrigo é um espaço de proteção onde às mulheres que correm risco de morte encontram refúgio até estarem segura para voltarem ao um novo recomeço. Metodologia foram realizadas observação participante com entrevista presencial a 05 mulheres sendo utilizado questionário semi estruturado com perguntas abertas e fechadas de cunho qualitativa e descritiva para registrar os relatos.

Palavras Chaves: Violência Doméstica; Violência Simbólica; Feridas Emocionais; Casa Abrigo.

ABSTRACT
Domestic violence is a phenomenon present in intra-family relationships. Causing harm to women in these conflicting relationships between couples. Thue, this study aims to analyze the testimonies of womwn who suffered intra-family violence by their partners, a situation that to be in a shelter under protective meas categories described domestic violence, symbolic violence, emotional wounds and shelter are necessary to contextualize the situation of violence that women go through in their daily livres, especially symbolic violence, their submission to their aggressor and partner cause them deep emotional wounds, leaving scars that can last forever in the livres of these women, especially if they have minor children with their aggressor. The shelter is a space of protection where women who are at death find refuge until they are safe to retum to a new beginning. Methodology participant observation was carried out with face-to-face interviews with 05 women using a semi-structured questionnaire with open and closed qualitative and descriptive questions to record the reports.

KEY WORDS: Domestic Violence; Symbolic Violence; Emotional Wounds; Shelter House.

[1] Mestranda pelo Programa de Pós Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas - UFAM. Manaus Amazonas. E-mail: célia_mani@hotmail.com. Contato: 92992815079.
[2] Dra. Pela Universidade Estadual Paulista – UNESP. Professora e Orientadora pelo Programa de Pós Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas - UFAM. Manaus Amazonas. E-mail: Ysassaki14@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A violência doméstica traz muita dor e sofrimento para essas mulheres que estão em abrigamento com seus filhos menores, mesmo que esse abrigo seja uma casa normal como qualquer outra, ainda assim as mulheres não estão à vontade por de certa forma continuam sendo vigiadas, pelo fato de na casa abrigo ter regras e uma delas é a retirada de seu celular e não poderem sair para nenhum lugar sozinha e a comunicação com seus familiares são monitoradas, o que lhes causam também violência psicológica, dor e sofrimento.

O fenômeno da violência doméstica está presente no cotidiano de muitas famílias em todas as sociedades, causando dor e sofrimento para as mulheres vítimas desse ato perverso e todo seu grupo familiar, sendo necessário continuar debatendo sobre esse conflito que envolve os gêneros masculino e feminino.

Violências simbólicas são as que mais se ouvem falar em todas as mídias sociais, pois elas invadem o psicológico das mulheres causando cicatrizes que muitas vezes nem o tempo consegue apagar, dando início a outros conflitos nas convivências conjugais por abrirem inúmeras feridas em seus corações e nos seus pensamentos.

Desse modo o presente trabalho objetiva analisar os depoimentos das mulheres que sofreram violência intrafamiliar que estão sob medida protetiva em um abrigo de Manaus. E como as mulheres precisam concordar com as regras da casa abrigo que são restritas para poderem ser aceita e ficar sob proteção do Estado até receberem suas medidas protetivas para poder retornarem para suas casas, as deixam mais fragilizadas ainda. Ressalta-se que a medida protetiva demora aproximadamente 72 horas para ser deferida pelo juiz, a partir desse momento que as mulheres podem serem desligadas com segurança.

A análise se reporta na observação direta numa casa abrigo, que é um espaço de atendimento interdisciplinar que acolhe mulheres que precisam de proteção quando estão correndo risco de morte e não tem um lugar seguro para ficarem até que saia sua medida protetiva, sendo é de suma importância para as mulheres que ao registrarem seus Boletins de Ocorrências quando necessário são encaminhadas para abrigamento.

A assistência social também faz parte da responsabilização para fazer o acolhimento humanizado com escuta qualificada que atende a mulher vitima de violência doméstica com seus filhos menores de 18 anos e ainda é responsável para

dar suporte e atender toda demanda da vulnerabilidade no que tange a questão social e referenciar as mulheres para a rede no intuito que está consiga sanar suas questões básicas como cidadã de direitos que é dentro da sociedade.

Com a metodologia houve a possibilidade de serem realizadas as entrevistas e puderam acontecer às observações participantes que originou esse trabalho, foram realizadas entrevistas presenciais com questionários semiestruturado com perguntas abertas e fechadas as 05 mulheres que são vítimas de violência doméstica, sobretudo “simbólica”, as quais detalham as enormes feridas emocionais sofridas que adquirirem com as violências sofridas por seus ex-companheiros.

As respostas dos questionários têm como objetivo relatar nesse trabalho toda dor, sofrimento, angustia e magoas que as mulheres ainda sentem por estarem nessa condição de violência e de certa forma presa e sem acesso ao seu aparelho telefônico. Ressalta-se que todas as participantes desse trabalho aceitaram relatar seus dia a dia conflitosos com seus agressores, e todas tem uma cópia impressa em mãos desse trabalho. Ressalta ainda que o termo e consentimento das mulheres são livres e espontâneos.

Para melhor situar a análise, este artigo está subdivido em itens, sendo que primeiramente tecemos algumas considerações sobre a violência doméstica, especificamente a intrafamiliar e, a seguir refletimos sobre os tipos de violências e, em seguida sobre as sequelas das mulheres vítimas de violência doméstica que adentram na casa abrigo em Manaus.

2. DESENVOLVIMENTO

2. 1. Algumas considerações sobre violência doméstica

A violência doméstica continua sendo um fenômeno altamente perigoso entre os cônjuges, e apresenta inúmeras características violenta, sendo um ato destruidor para muitas famílias de todos os territórios do mundo, pelo fato da violência doméstica não afetar somente as mulheres vitimas das violências, mas também todo seu grupo familiar.

Por ser um problema ainda muito presente em nosso cotidiano esse drama das mulheres, destaca Cavalcante (2012, p. 21) “violência doméstica - é um problema que atinge mulheres -, em todo o mundo”. Sobretudo as mulheres

brasileiras, pois quanto mais se divulga as formas de violência doméstica, informando que é um crime punível, mas casos são relatados e identificados nos órgãos e mídias sociais.

Nesse sentido afirma Saffioti (2004, p. 85) “a violência doméstica apresenta características específicas. Uma das mais relevantes é sua rotinização – o que contribui, tremendamente, para a co-dependência e - da relação fixada”. Essa “relação fixada” da violência doméstica que tem diferentes características, em muitos casos se torna corriqueira para muitas mulheres, por várias situações em momentos diversos, com seus inúmeros comportamentos agressivos que vão sendo praticados constantes pelos companheiros das mulheres.

Para Cavalcante (2012, p. 21) a violência doméstica “decorre da desigualdade nas relações de poder entre homens e mulheres, bem como da discriminação de gênero que ainda é presente - na sociedade como na família”.

Destaca-se que a violência doméstica é um crime que o agressor é punido conforme estabelece a Lei 11.340/2006, de 07 de agosto, e está dividida em: violência psicológica, violência física, violência moral, violência patrimonial e violência sexual.

Esses tipos de violência contra as mulheres acontecem diariamente pelos homens com muita frequência, pelo simples fato de muitos deles ainda entenderem que as mulheres são suas propriedades, e quando elas estão vulneráveis os homens aproveitam para concretizam seus crimes, que causam grandes impactos em suas relações conjugais.

2. 2. Tipificação da violência doméstica, violência psicológica ou simbólica.

As tipificações da violência doméstica têm sido divulgadas diariamente, como forma de coibir os agressores, para que todas as populações conheçam as formas de violências e como elas acontecem em seu âmbito familiar e conjugal no dia a dia. Sendo assim, a Lei 11.340/2006, tipifica a violência doméstica em;

> **Violência psicológica:** Causa dano emocional, diminuir a autoestima, prejudicar e perturbar o pleno desenvolvimento pessoal, degradar ou controlar comportamentos, ações, crenças e decisões mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação e isolamento, tirando a liberdade de pensamento ou qualquer ação;
> **Violência física:** Ofender a integridade ou a saúde corporal, bater, chutar, queimar, cortar, mutilar;

> **Violência moral:** Ofender com calúnias, insultos ou difamação – lançar opiniões contra a reputação moral, críticas mentirosas e xingamentos;
> **Violência patrimonial:** Reter, subtrair, destruir parcial ou totalmente objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos;
> **Violência sexual:** Presenciar, manter ou obrigar a participar de relação sexual não desejada mediante intimidação, ameaça coação ou o uso de força que induza a mulher a se comercializar ou a utilizar, de qualquer modo, a sua sexualidade.

Verifica-se que mesmos as mídias sociais e as abordagens dos órgãos dos estados, municípios, ONG's, entre outros meios de divulgações, com os profissionais autônomos e pesquisadores que fazem as abordagens como forma de divulgar os tipos de violência doméstica que acontecem com muitas mulheres, ainda não inibem os agressores de cometer seus atos violentos.

Mesmo com a alteração da Lei 11.34/2006, que no dia 28.07.2021, que diz no Art. 12-C;

> Verificada a existência do risco atual ou iminente a vida ou a integridade física ou psicologia da mulher em situação de violência doméstica e familiar, ou de seus dependentes, o agressor será imediatamente afastado do lar, domicílio ou local de convivência com a ofendida.

Verifica-se que muitas mulheres que convivem com esse tipo de violência que não aparentam marcas são manipuladas de alguma forma por seus companheiros e não conseguem perceber que estão se isolando da sociedade, perdem seu direito de ir e vir, e até mesmo sua própria liberdade, por não poderem sair de suas casas. Conforme informa Nayane;

> Ele vivia dizendo sempre para mim, tu não precisa sair de casa para fazer nada, por que tu tens aqui, tudo tu tem ao teu alcance, tem televisão, ar-condicionado, comida na geladeira, frutas, verduras, tem boa roupa, não tem nenhum motivo para ir andar rua, nem tem outro canto para ir, então sossega teu facho dentro de casa mulher, eu saio pra trabalhar, mas todos os dias eu volto. Entrevista realizada em (22.07.2021).

Verifica que muitas mulheres que ainda vivem nesse circulo vicioso da violência doméstica, é por que ainda dependem de seus companheiros financeiramente e tem filhos menores, por isso não conseguem se desvincularem de seu agressor facilmente, elas tem dificuldade para denuncia-los e depois não ter para onde ir e nem como se sustentar.

Se tornando uma co-dependente de seu agressor. Nesse sentido da co-dependência relata Kedima, entrevista realizada em (16.07.2021);

> Sofro violência doméstica há quatro anos, por que sempre tive medo de denunciar ele, por ele ser esse homem autoritário demais, se acha o cara, o todo poderoso, que ninguém freia ele. Além do mais tenho duas filhas com ele, uma de quatro anos e essa de um ano e oito meses que são muito apegadas com ele viveram juntas há seis anos, já temos uma vida construída juntos, temos uma casa toda mobilhada com piscina e tudo, boa comida, tudo de bom e do melhor, tanto eu como as meninas, por isso fiquei aguentando ele todo esse tempo com seus palavrões de baixo escalão que ele sempre falava pra mim com frequência, e ainda vivia me expulsando de casa na frente dos amigos dele.

A co-dependência infelizmente ainda se faz presente na vida conjugal de muitos casais, causando grandes conflitos não somente para as mulheres, mas também para seu grupo familiar, principalmente quando se tem crianças e adolescentes envolvidos. Situação que contribui ainda mais para o automento dos casos da violência doméstica. Passando por esse mesmo conflito da co-dependência, Valdenice relata seus (27.07.2021);

> Eu não trabalho, depende do meu marido para cause tudo, é ele quem paga o aluguel da quitinete que moramos, faz o rancho, compra comida, e até mesmo o remédio do meu outro filho que é especial, tem autismo, só tenho um filho com ele que é esse pequeno de dois anos. Eu faço umas costuras de vez enquanto, bijuteria, enfeita sandálias, mas não dá pra comprar nada, somente algumas coisas para os meninos, besteirinhas.

Percebe-se nos relatos das mulheres entrevistadas que o fato de elas dependerem de seus companheiros é por que não trabalham situação que contribuiu para continuarem vivendo em situação de violência, por mais tempo.

De acordo com os dados do Instituto de Pesquisa Data Senado (2020), e o Observatório da Mulher Contra a Violência destacam que o aumento dos casos de violência doméstica no Brasil é alarmante, onde conta com o aumento do percentual de 13% para 37% entre os anos de 2011 e 2019, quantitativos esses são de mulheres que foram agredidas por companheiros nesse período.

Ressalta-se que entre as violências sofridas estão à psicológica com as intimidações e humilhação, como verbaliza Valdenice entrevista realizada em (27.07.2021);

> Quando ele chega em casa do trabalho, já vai logo procurando ver se tem alguma coisa fora do lugar, algum brinquedo do nosso filho no chão, e quando ver já começa a grita comigo, e o que é pior, na frente das crianças, chama palavrões de baixo escalão que a senhora precisava ouvir, e isso acontece à qualquer hora, até quando ele está assistindo televisão. Ele é um homem possessivo, por isso cansei de tudo isso que ele fazia comigo, foram quatro anos vivendo assim.

Acredita-se que as violências psicológicas são as que mais afligem as

mulheres, e muitas não reconhecem que humilhação e intimidação são violências, mesmo as mídias sociais estarem sempre divulgando esse absurdo crescimento dos casos das violências domésticas contra as mulheres.

Sendo assim o Art. 12-C da Lei 11.340/2006, ainda destaca todo ato de violência psicologia contra a mulher puni “o agressor e será imediatamente afastado do lar, domicílio ou local de convivência com a ofendida”. Situação que contribuiu para a mulher pedir ajuda. Conforme revela Nayane com seu sentimento angustiante de impotência pelas violências psicológicas que sofria quando estava convivendo com seu ex-companheiro;

> Ele vivia dizendo que não me queria mais, que era para eu ir embora, que eu não prestava mais para nada, que eu era um imprestável, inútil, e quando foi nesse dia eu não aguentei mais, disse para ele que iria embora, para bem longe dele, foi quando ele começou a gritar comigo dizendo que se eu fosse embora ele ia acabar com a minha vida, me empurrou na cama, tirou a chave da porta e não me deixou sair, passei à noite chorando dentro do quarto por que não podia fazer nada naquele momento. Entrevista realizada em (22.07.2021).

Confirma-se na fala dessa mulher que fortes violências psicológicas ela sofreu, e até mesmo cárcere privado, situação ainda preocupante para os órgãos que trabalham em rede e para os pesquisadores, pois mesmos com tanta divulgação sobre o enfrentamento da violência doméstica, ainda assim não se conseguiu diminuir os casos agressivos.

Nesse mesmo sentido Valdenice entrevistada em (27.07.2021) ainda pontua;

> Foram quatro anos convivendo com a violência dele, me sentia num cativeiro de portas abertas, tudo por que eu não tinha para onde ir, a quem pedir ajuda, meus filhos são menor, não podia sair de casa por que não tinha dinheiro para pagar passagem mesmo que de ônibus, não tinha vida social e nem passeava com meus filhos, por não poder comprar um sorvete para os dois.

No Estado do Amazonas de acordo com o Jornal a Crítica (2019), os números registrados dos casos de violência contra a mulher são assustadores que somam mais de 68,3 mil crimes de violência à mulher no mesmo período de 2019.

Durante esse ano de 2019, o Jornal a Critica (2019), ainda informa que muitas mulheres de 18 a 60 anos são vítimas de várias formas de violência doméstica, no entanto a que mais se destaca é a violência psicológica, que após as mulheres ouvirem inúmeras palavras de baixo escalão decidem tomar rumos ignorados para tentar se livrar de seus agressores naquele devido momento.

Conforme relata Idarlene sobre o tipo de violência doméstica que sofreu;

> Ele não me bateu não irmã, só me disse um monte de coisas com vários palavrões que perturbou muito meu juízo, até eu perder o controle e colocar ele para correr de casa, tudo por que quando ele chegou em casa me viu arrumada como sempre faço, penteada e perfumada, e foi logo dizendo, por que tu está toda arrumada assim sua dentuça, desse jeito? Nem adianta se arrumar assim que ninguém vai te querer, sabes por quê? Por que tu és muito feia mulher, tu és dentuça de mais, não te enxergar não? Tu tens que te olhar no espelho, tu pareces uma cara de animal, tu tens que se da conta de quanto tu és horrível mulher.

A violência psicológica é uma das violências que muitas mulheres ainda não reconhecem como violência doméstica, por ser uma violência simbólica que não deixa marcas visíveis, ou seja, ela não aparenta nenhum sinal, porém as marcas que ficam podem nunca serem cicatrizadas de suas lembranças, por serem simbólicas, emocionais causadas pelo domínio masculino através de seu poder simbólico. “[...] O poder simbólico é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem *gnosiológica:* o sentido imediato do mundo [...]” (DURKHEIM, 2007, p. 15).

Muitos homens em pleno século XXI ainda agem como se vivessem nos séculos passados, estabelecendo suas ordens as suas companheiras, e elas por muitas vezes sem terem outra saída acabam cedendo às violências psicológicas de seus agressores. Outras ainda nem conseguem reconhecer o que sejam as violências psicológicas. Conforme verbalizou Janaína, entrevista realiza em (22.07.2021);

> Ele disse várias vezes em tom de voz bem alta lá na beira da rua de casa, que eu era uma vagabunda, uma vadia, que eu não prestava para nada, que ele não queria mais me ver na frente dele, que preferia ver o diabo menos eu, me mandou ir embora, disse para eu procurar outro lugar para mora que quem ia fica lá na quitinete era ele, e sozinho mesmo.

Viver em meio aos conflitos da violência psicológica forão momento muitos difíceis, principalmente para as mulheres que não reconhecem que estão sendo vítimas desse tipo de agressão que é a violência simbólica que abre enormes feridas em seu emocional, principalmente quando seu companheiro é autoritário e intimida a mulher.

Para Durkheim (2007, p. 15) “[...] O homem não pode viver em meio às coisas sem formar a respeito delas ideias, com as quais regula sua conduta [...]”. Nesse sentido visualiza-se que as condutas desses homens agressores, são condutas da dominação masculina, atos criminosos repugnantes, com atitudes vergonhosas

cometendo suas violências simbólicas, causando danos emocionais as suas companheiras diariamente.

Os danos emocionais destroem os sentimentos bons conforme relata Valdenice, sobre as violências psicológicas que passou com seu ex-companheiro, entrevista realizada em (27.07.2021);

> Todos esses palavrões de baixo escalão que ele fala para mim todos os dias foi acabando com o sentimento de amor que eu tinha por ele. Todos os dias ele gritava comigo dizendo as mesmas palavras: Tu és uma encostada, não serve para nada, não trabalha não ganha um centavo para ajudar pagar as contas, por isso que todas essas coisas foram criando feridas no meu coração, no meu pensamento, na minha alma e na minha mente, hoje elas estão enormes e eu não sei se um dia vão diminuir agora tudo que eu quero é me livrar dele para sempre.

Destaca-se aqui a violência moral que essa mulher viveu, passou por essa tormenta humilhante por tempos, mas que deu um basta, utilizou essa violência sofrida para romper com esse ciclo vicioso da violência psicológica e buscou impulso para sair de casa e ir à busca de ajuda, na Delegacia Especializada em Crimes contra Mulher.

Nesse sentido da violência psicológica Bourdieu (1989, p. 07), informa que, esses "[...] instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre outra (violência simbólica) dando o reforço de sua própria força que as fundamentam [...]".

Muitos homens dos dias atuais, ainda são machistas tratam as mulheres como se elas fossem suas propriedades, e o que é pior usam sua força masculina para agredi-las, fundamentando que são homens e por isso podem ofendê-las, utilizar palavras de baixo escalão, entre outras formas simbólicas de poder intimidá-las, causando dor e sofrimento emocional.

2. 3. As feridas emocionais das mulheres vítimas de violência doméstica que adentram na casa abrigo de Manaus

As feridas emocionais deixam enormes cicatrizes no ser humano como um todo, e se tratando das mulheres vítimas de violência doméstica essas cicatrizes podem virar enormes feridas, em muitos casos essas feridas ficam abertas para sempre e nem chegam a cicatrizarem, por serem muito profundas.

Essas feridas da emoção acontecem por puro moralismo como estabelece Durkheim (2007, p. 15);

> [...] Os moralistas ainda não chegaram à concepção muito simples de que, assim como nossa representação das coisas sensíveis provém dessas coisas mesmas e as exprime mais ou menos exatamente, nossa representação da moral provém dos próprios espetáculos das regras que funcionam sob nossos olhos e as figuras esquematicamente; de que, consequentemente, são essas regras, e não a noção sumária que temos delas [...].

As regras da vida conjugal deveria ser a mesma para os cônjuges, com suas noções concretas do certo para ambos, porém infelizmente os homens agressores são moralistas demais e tem dificuldade de romperem comesse ciclo vicioso da violência simbólica que abre inúmeras feridas emocionais nas mulheres, em especial as que se encontram em acolhimento na casa abrigo de Manaus.

Como informa Kedima, entrevista realizada em (16.07.2021);

> Não estou aqui no abrigo me sentindo presa com minhas filhas por que quero não. Eu só estou aqui, por que não tenho outro lugar para ir e ficar em segurança com minhas filhas, se meu marido não fosse tão autoritário eu não teria denunciado ele, mais eu não aguentava mais ouvir ele me humilhar na frente dos amigos, tanto de trabalho como de bebedeira, foram seis anos de convivência e cinco de muita humilhação. Sinceramente não sei se um dia vou esquecer tudo que ele me fez passar com aqueles xingamentos e tudo mais.

A humilhação é um crime psicológico que atinge muitas mulheres com as intimidações possessivas de muitos homens inescrupulosos, com suas manias criminais, criando conflitos aterrorizantes as suas companheiras com suas torturas psicológicas. Nesse discurso Safiotti (2004, p. 35) ressalta;

> [...] As mulheres são “amputadas”, sobretudo no desenvolvimento e uso da razão e no exercício do poder. Elas são socializadas para desenvolver comportamentos dóceis, cordatos, apaziguadores. Os homens, ao contrário, são estimulados a desenvolver condutas agressivas, perigosas que revelem força e coragem [...].

Muitos homens em toda sua história de seus antepassados foram criados com esses comportamentos criminosos, mas cabe as nossas gerações educá-los para uma boa conduta de igualdade para com as mulheres. No entanto as amputações de muitas mulheres as tornam submissas ao ciclo da violência doméstica.

Com sentimento de dor e sofrimento Nayane nos informa como foram os últimos dias de convivência com seu agressor, entrevista realizada em (22.07.2021);

> Não foi nada fácil para mim esses últimos dias na mesma casa com ele viveram momentos atemorizantes. Graças a Deus que eu estava sozinha sem minha filha, ela estava para a casa do pai dela, os momentos mais

> difíceis foi quando ele fechou a porta da casa e tirou a chave para eu não sair. A partir daquele momento que eu me senti presa, fiquei apavorada por está naquele cativeiro, e inúmeras feridas se abriram no meu coração, agora estão tatuadas na minha memória acredito que para sempre.

As feridas emocionais são mais difíceis de cicatrizarem, por elas estarem nas lembranças de todos os momentos, independente dos lugares que as mulheres estejam, mas quando elas observam quaisquer gestos agressivos, logo elas vêm as suas lembranças, de como tudo aconteceu e como foi difícil sair do ciclo da violência.

Romper com a violência para muitas mulheres não é nada fácil, mesmo estas estando magoadas emocionalmente, como relata Idarlene entrevistada em (16.07.2021);

> Há irmã, não foi fácil para mim chegar até aqui, eu gostava muito daquele homem, mas meu coração está sangrando até agora por tudo que eu estou me lembrando que ele fez comigo, vivia dizendo que eu sou muito feia, que ele tem outras mulheres novinhas e bonitas que nem se comparam comigo, até que naquele dia eu surtei mesmo quando ele chegou e começou falar aquele monte de coisas para mim, dizendo novamente que eu sou ridícula, eu pirei mesmo, comecei a jogar tudo que eu via pela frente em cima dele, e hoje só resta magoa e muita raiva dele, a senhora não faz ideia como o meu coração está estraçalhado irmã foram 18 anos de convivência com aquele mostro.

Infelizmente muitas mulheres quando sofrem violência doméstica por muitos anos acabam se desequilibrando em algum momento, seja pelo grau da tortura psicológica que sofreu, ou pelas intimidações dos agressores que eram intensas passando a tornarem suas companheiras em suas subordinadas.

Para Bourdieu (1989, p. 15) “O poder simbólico, poder subordinado, é uma forma transformada, quer dizer, irreconhecível, transfigurada e legitimada, das outras formas de poder; - descrevem as – relações de força – relações de comunicação [...]”.

A discrição da relação da força do poder do homem sobre a mulher cria comunicações agressivas que sangra seus corações. Esses tipos de situações agressivas muitas vezes tornam-se ameaças que levam as mulheres a procurarem ajuda até chegar ao abrigamento pelas mesmas serem ameaçadas de mortes.

Por esse motivo ameaçador as mulheres que contam seus relatos estão em abrigamento aguardando sair sua medida protetiva que pode ser expedida até no Maximo 72 horas. Sendo assim a casa abrigo tem endereço sigiloso por se tratar de um espaço que protege a mulher vítima de violência domestica de todo o Estado do

Amazonas, é uma casa que está ligada ao Serviço de Apoio Emergencial a Mulher-SAPEM, que estão localizados nas três zonas distintas de Manaus, Zona Leste, Sul e Centro Sul.

De acordo com site sejusc.am.gov. (27.07.2021) casa abrigo Antonia Nascimento Priante, foi reinaugurada para reforçar “a rede combate a violência contra mulher O espaço acolhe mulheres que sofrem risco iminente de morte, ameaçadas pelos seus agressores”. O local tem endereço sigiloso para manter a integridade das vítimas.

A casa abrigo é um local que disponibiliza as mulheres e seus filhos menores um ambiente saudável e arejaste, onde as mulheres desfrutam de quartos, sala, banheiros, lavanderia, cozinha, área de lazer e até mesmo árvores, plantas e horta.

O referido site sejusc.am.gov. (27.07.2021), ainda pontua que a casa Abrigo além de acolhedora tem. “A estrutura da casa abrigo possui 16 cômodos, com capacidade para 20 mulheres em situação extrema de violência. Além das vítimas, o local consegue abrigar os filhos das vítimas, desde que tenham menos de 18 anos”. Para o secretário William titular da Secretaria de Estado, de Justiça, Direitos Humanos e Cidadania – SEJUSC, em entrevista concedida em (02.09.2020);

> A casa abrigo permite acolhimento de vítimas de 80 a 120 dias, em seguida, dependendo da necessidade, elas são inseridas em programas federais de auxílio à mulher. Ele explica que a casa conta com uma equipe multidisciplinar composta por psicóloga, assistente social e pedagoga, garantindo que a mulher tenha um acompanhamento especializado. Também há vigilância e educadoras sociais que reversam em plantões.

Destaca-se que é de suma importância a reinauguração, pois durante a permanência da mulher e seus filhos que estão em abrigamento são assegurados a todos aos serviços que precisarem com os acompanhamentos dos profissionais especificados e qualificados.

3. CONCLUSÃO

Com esse trabalho percebeu-se que infelizmente ainda tem muitas mulheres que sofrem com as agressões de seus companheiros, muitas tem medo de busca ajuda logo na primeira violência que sofrem que são dependentes de seus cônjuges, não separam por que tem filhos pequenos para sustentá-los, não conseguem encontrar sozinha um direcionamento certo e por isso não buscam ajuda logo na

primeira agressão, continuando sofrendo com as violências domésticas, sobretudo as simbólicas.

Contextualizar as categorias desse trabalho com a situação da violência doméstica que as mulheres sofrem em seu âmbito conjugal nos trouxe conhecimentos que ainda não se tínhamos, pois a leitura dos textos e os relatos emocionantes das mulheres que estão no abrigo aguardando sua medida protetiva ser deferida nos instigam ainda mais a continuar buscando mais estudos sobre essa temática, para que assim possamos compreender melhor a questão da violência de doméstica, sobretudo a psicológica.

A submissão da mulher ainda se faz muito presente nas conjugalidades atuais, situação que só tem aumentado os casos da violência doméstica em Manaus, onde o agressor de certa forma detém mais poder sobre a mulher em todos os sentidos, sobretudo quando se trata da violência simbólica, que por ser uma violência emocional que não deixa marcas visíveis, os homens agressores passam a agredir ainda mais as mulheres com suas intimidações, humilhações, caluniam e até mesmo as ameaças de mortes, situação que levam as mulheres a buscarem ajuda até serem acolhidas no abrigo.

As feridas emocionais por não serem visíveis passam a deixarem marcas mais profundas, criando cicatrizes que em muitas mulheres nem o tempo conseguirá apagar, por essas marcas estarem em seus corações, nos seus pensamentos diuturnamente levando-as a outros conflitos, por não conseguirem se reerguerem novamente sozinhas, lhes ofertando uma nova vida de forma diferente e renovada. Contudo, espera-se que esse trabalho consiga chegar a muitas mulheres que estão vivendo em situação de violência doméstica e consigam identificar como elas ocorrem em sua conjugalidades, que sirva para novas pesquisas e cheguem também aos agressores e os intimidem para que diminua as violências domésticas.

REFERÊNCIAS

BRASIL, **LEI MARIA DA PENHA, 11.340 de 07 de agosto 2006.** Delegacia Especializada em Crimes Contra a mulher (DECCM). Jornal dez minutos, Anne, bezerra 2015.

BOURDIEU. Pierre. **O poder simbólico.** Memória e Sociedade. 1989. Editora Bertrand Brasil. S. A. Rua: Benjamim Capanema. 142 – Glória. 20241 – Rio de Janeiro RJ.

DURKHEIM. Émile. **As regras do método sociológico.** Tradução Paulo Neves; Revisão da tradução: Eduardo Brandão. – 3º Ed. – São Paulo: Martins fontes, 2007.

SAFFIOTI. Heleieth Lara Bongiovani. **Gênero, patriarcado, violência.** São Paulo: Editora Fundação Perceu Abramo, 2004.

JORNAL O GLOBO. Bueno Samira. Lima Renato Sérgio de. Diretores do Fórum Brasileiro de Segurança Pública**. https://G1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/2019/03/08/dados-de-violencia-contra-a-mulher-sao-a-evidencia-da-desigualdade-de-genero-no-brasil.ghtml.** Acesso em 15.06.2019.

REDAÇÃO JORNAL DE BRASÍLIA. **Https://jornaldebrasilia.com.br/brasil/violencia-contra-a-mulher-no-brasil-registra-um-cas-de-agressao-a-cada-4-minutos/.** Publicado em 26/03/2020. Acesso em 12/10/2020. Às 11.43.

SEJUSC. Disponível em: **www.sejusc.am.gov.br/sejusc-reinaugura-novo-espaco-da-casa-abrigo-antonia-nascimento-priante/**=>. Em 27.07.2021. As 15:10.